



LÍNGUAS E CULTURAS EM CONTATO: O TALIAN E A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE ITALIANA EM CASCAVEL

LANGUAGES AND CULTURES IN CONTACT: THE TALIAN AND THE PRESERVATION OF THE ITALIAN IDENTITY IN CASCAVEL

Sanimar Busse¹
Wânia Cristiane Beloni²

RESUMO: Mais de 60% dos italianos que se fixaram no Rio Grande do Sul tinha língua e cultura vênetas. Por isso, o dialeto vêneto acabou se tornando, no início, em língua franca para famílias de diferentes regiões e dialetos italianos. O dialeto vêneto, porém, sofreu mudanças quando entrou em contato com o português, tornando-se uma nova língua, chamada de *talian*. A colonização no oeste do Paraná ocorreu somente no século XX, e por isso pode ser definida como moderna. Compreender a influência italiana em Cascavel é entender como os colonos que se estabeleceram aqui enfrentaram e lutaram pela preservação de sua cultura, pois a colonização desta cidade não foi tão homogênea como em outras cidades da região. Luzzatto (1994) afirma que o *talian* está presente em diversas cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, citando, inclusive, Cascavel. Pretende-se, portanto, com base na observação de manifestações culturais e linguísticas de alguns grupos de descendentes italianos de Cascavel perceber a importância de se estudar as manutenções da língua e da cultura italiana nesta cidade. Ainda que de forma restrita, este dialeto continua sendo falado e é, portanto, uma língua viva. Prova disso é a presença de descendentes italianos, assim como de movimentos cascavelenses com base na cultura e na língua italiana, como o círculo italiano de Cascavel, o grupo de dança folclórica italiana *Ladri di Cuori*, o grupo de canto *Filó* e o programa de rádio *Italia del mio Cuore*.

PALAVRAS-CHAVE: PRESERVAÇÃO, LÍNGUA E CULTURA ITALIANAS, CASCAVEL.

ABSTRACT: More than 60% of the italians that settled in Rio Grande do Sul had venetian language and culture. Therefore, the venetian dialect became, in the beginning, a lingua franca for families from different italian regions and dialects. The venetian dialect, however, suffered many changes when it got in touch with the portuguese, becoming a new language called *talian*. The colonization in the west of Paraná occurred only in the XX century, and thus might be defined as modern. Understanding the italian influence in Cascavel is understand how the peasant proprietors that established here confronted and struggled by the preservation of their culture, because the colonization of this city was not so homogeneous as in other cities and towns of the region. Luzzatto (1994) declares that the *talian* is in several cities and towns in Rio Grande do Sul, Santa Catarina and Paraná, quoting even Cascavel. We intend, therefore, based in the observation

¹ Professora doutora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Cascavel. E-mail: sani_mar@hotmail.com

² Aluna do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Cascavel. Bolsista CAPES. E-mail: wania.beloni@hotmail.com



of cultural and linguistic manifestations of some groups of Italian descendants in Cascavel, to realize the importance of studying the maintenance of the Italian language and culture in this city. Even so restricted, this dialect continues being spoken and is, therefore, a lively language. A proof of this is the presence of Italian descendants, as well as movements in Cascavel based on the Italian culture and language, as the *Círculo Italiano de Cascavel*, the group of folkloric Italian dance *Ladri di Cuori*, the group of singing *Filó* and the radio show *Italia del mio Cuore*.

KEYWORDS: PRESERVATION, ITALIAN LANGUAGE AND CULTURE, CASCAVEL.

INTRODUÇÃO

As línguas mudam, muitas vezes, porque traços linguísticos acabam se difundindo em um determinado grupo de fala que entrou em contato com outro. A aproximação e a convivência entre duas ou mais comunidades de falas distintas pode levar à implementação de mudanças entre essas línguas faladas. Nesses contextos, o bilinguismo e/ou o multilinguismo acabam vigorando e situações bidialetais diversificadas podem ocorrer. É o caso do *talian*, dialeto que mistura dialeto da língua italiana do Vêneto com o português falado no sul do Brasil.

Silva-Corvalán (1989, p. 170) define o contato linguístico como um processo de situação bilíngue:

Decimos que dos o más lenguas están e contacto cuando son usadas por los mismos individuos, es decir, cuando existe una situación de *bilingüismo* (o multilingüismo) en la que los hablantes bilingües constituyen el locus del contacto. Esta situación sociolingüística es una de las más favorables al cambio, ya sea por el gran número de préstamos que se dan en ambos sentidos o por el fenómeno de *interferencia* o *transferencia* lingüística (aquí usamos el término *transferencia* por tener éste una connotación más positiva). Hablamos de *transferencia lingüística* cuando una lengua evidencia desviaciones o diferencias de la norma lingüística monolingüe que corresponden a estructuras existentes en la lengua de contacto.³

³ Dizemos que duas ou mais línguas estão em contato quando são usadas pelos mesmos indivíduos, ou seja, quando existe uma situação de bilinguismo (ou multilinguismo) em que os falantes bilíngues constituem o lócus do contato. Esta situação sociolingüística é uma das mais favoráveis para a mudança, seja pelo grande número de empréstimos que se dão em ambos os sentidos ou pelo fenômeno de interferência ou transferência linguística (aquí usamos o termo transferência por ter este uma conotação mais positiva). Falamos de transferência linguística quando uma língua evidencia desvios ou diferenças da norma linguística monolíngue que correspondem a estruturas existentes na língua de contato (tradução nossa).



Quando uma variedade linguística está em contato com outras variedades, sofre mudanças, alterações, empréstimos, alternâncias, entre outros fenômenos, pois está suscetível a mudanças que podem ocorrer por influências de uma ou mais línguas. No entanto, a comunidade em contato pode adotar uma postura mais conservadora e preservar a sua fala, ou, então, uma atitude mais inovadora, implementando na fala variantes de outras línguas. Essas atitudes dependem de fatores extralinguísticos, que podem ser descritas, conforme Silva-Corvalán (1989), como atitudes subjetivas dos falantes bilíngues e de toda a comunidade, tanto em relação à língua como em relação à cultura.

Na região Sul do Brasil podem-se encontrar comunidades que se caracterizam pelo contato linguístico. Primeiro, pelo contato das línguas indígenas com as línguas de colonização europeia - português e espanhol - e depois da independência, com o contato das línguas trazidas pelos colonos alemães, italianos, japoneses, poloneses, ucranianos, entre outros. Além disso, vale lembrar que a fronteira com países *hispano-hablantes* também oportuniza outro tipo de contato. Portanto, o cenário sul-brasileiro é desde seus primórdios um laboratório étnico e linguístico.

Barretto (2009) explica que o bilinguismo é determinado pelo contexto em que o indivíduo se encontra, sendo “um fenômeno relativo; uma condição particular, identificada pelo contexto e forma de aquisição das duas línguas, bem como pela manutenção e abandono das mesmas” (BARRETTO, 2009, p. 121). A autora esclarece que o indivíduo, ao se apropriar de dois códigos diferentes, os utiliza em um determinado contexto: familiar, social, escolar e profissional, dependendo das circunstâncias. Assim como o termo língua, a pesquisadora discute ainda que a conceituação de bilinguismo também revela falta de consenso.

Bilíngue é aquele que compreende e fala com competência duas línguas, ou seja, que tem a capacidade de se comunicar em dois idiomas diferentes. Para a Sociolinguística, o bilinguismo é importante pelo fato de que o bilíngue desempenha funções na sociedade: “as pesquisas sociolinguísticas definem o bilinguismo em termos da função que a linguagem desempenha para o falante bilíngue ou para o grupo bilíngue na sociedade” (VON BORSTEL, 2011, p. 35).

Bilíngue pode ser tanto aquele que tem um domínio mínimo como aquele que tem um domínio alto de outra língua, além de sua materna. Vale lembrar que neste trabalho, considera-se bilíngue o falante que tem um mínimo de competência linguística, mas que consegue se comunicar de forma eficiente com outros falantes. Segundo Von Borstel (2011), Weinreich quem



iniciou os estudos sobre contatos entre línguas e que “direcionou seus estudos mais aos fenômenos de interferência e ou de transferências linguísticas que aparecem nas falas dos bilíngues como resultado de contatos interlinguísticos” (VON BORSTEL, 2011, p. 36).

Apesar de o Brasil ter como língua oficial a língua portuguesa, decretada na constituição de 1988, no artigo 13, e, portanto o país ser visto como monolíngue, seria uma incoerência não enxergar e observar os grupos étnicos minoritários no país, no caso, em especial, no Sul do Brasil.

Altenhofen (2005, p. 87) chama atenção para o fato de o Brasil se considerar “monolíngue”, apesar de toda diversidade linguística e de tantas línguas minoritárias aqui presentes:

Sem dúvida, a imagem do Brasil como um enorme país “monolíngue”, dominado pelo português em toda a sua extensão, de proporções continentais, e – o que é mais incrível! – de uma forma “tão homogênea”, tem contribuído em maior ou menor grau, para ofuscar a presença de populações e áreas bilíngues oriundas da imigração. A ideia de “um Brasil com uma única língua” parece tão forte, que mesmo o falante bilíngue, membro de uma comunidade bilíngue, onde convivem lado a lado com o português uma ou mais línguas de adstrato, é capaz de rotular nosso país de “monolíngue”, não enxergando diante do seu nariz a prova cabal de seu equívoco (ALTENHOFEN, 2005, p. 87).

O autor explica ainda que isto se deu, talvez, pelo fato de que, na época das guerras mundiais, falar português era condição inerente para ser brasileiro e que por isso, o ensino do português era sinônimo de civilidade.

Os dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002) registram a diversidade linguística da região quanto à presença de línguas europeias não-lusas, trazidas por seus imigrantes no início do século XIX: alemães (a partir de 1824), italianos (1875), poloneses (1891), japoneses (1918), entre outros. Margotti (2004) salienta que o destino desses colonos foi, sobretudo, para regiões encobertas por florestas, inicialmente em diversas regiões, entre elas Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e, com base em Koch (2000), explica que esse processo de desbravamento se estendeu para outras regiões, citando inclusive o Paraná como uma dessas áreas de ocupação.

Segundo Altenhofen (2005), o bilinguismo no Sul do Brasil “[...] constitui uma das características mais marcantes, senão a mais significativa, da paisagem linguística do sul do Brasil” (ALTENHOFEN, 2005, p. 194).



Ao lado dos alemães, o italiano é um dos grupos linguísticos mais relevantes de ocupação no Sul brasileiro: “o italiano assume uma posição de destaque, tanto pelo número de falantes quanto pela área ocupada e sua influência no contexto linguístico e sociocultural brasileiro” (MARGOTTI, 2004, p. 1). Além disso, segundo Margotti (2004, apud IANNI, 1979), o Brasil recebeu, nos séculos XIX e XX, cerca de cinco milhões de imigrantes, sendo dentre eles cerca de um milhão e meio de italianos.

IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DO BRASIL

A partir do início do século XIX, a Europa sofreu grandes transformações políticas, sociais e econômicas, tanto por causa das unificações nacionais da Itália e da Alemanha, como por outras questões, tais como o crescimento do capitalismo. Este contexto levou muitos grupos a migrarem para diversas regiões do mundo. Segundo Gregory (2008), as migrações foram movidas pelo desejo da conquista de novas terras vazias da América, a chamada “febre da América” ou “sonho da América”.

A suspensão do tráfico negreiro, na década de 1859, e o desenvolvimento dos meios de comunicação, das ferrovias e da navegação a vapor, no século XX, também favoreceram o processo de imigração.

O trabalho no campo era visto como uma forma de se ter uma propriedade privada, uma condição de realização pessoal e familiar. Muitos europeus migraram com a finalidade de poderem continuar sendo ou poder ser proprietários de terra.

A colonização no Sul do Brasil iniciou na segunda década do século XIX e foi em 1824 que os primeiros imigrantes chegaram.

Em torno de 1870, toda a Serra até as bordas do Planalto estava nas mãos de colonos alemães [...]. Entre 1870 e 1886, o governo central do Império fundou as colônias de Caxias, Garibaldi, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves e Antônio Prado, no Planalto Oriental, introduzindo colonos italianos e colonos das províncias austríacas de Trento e Vêneto (GREGORY, 2008, p. 32).

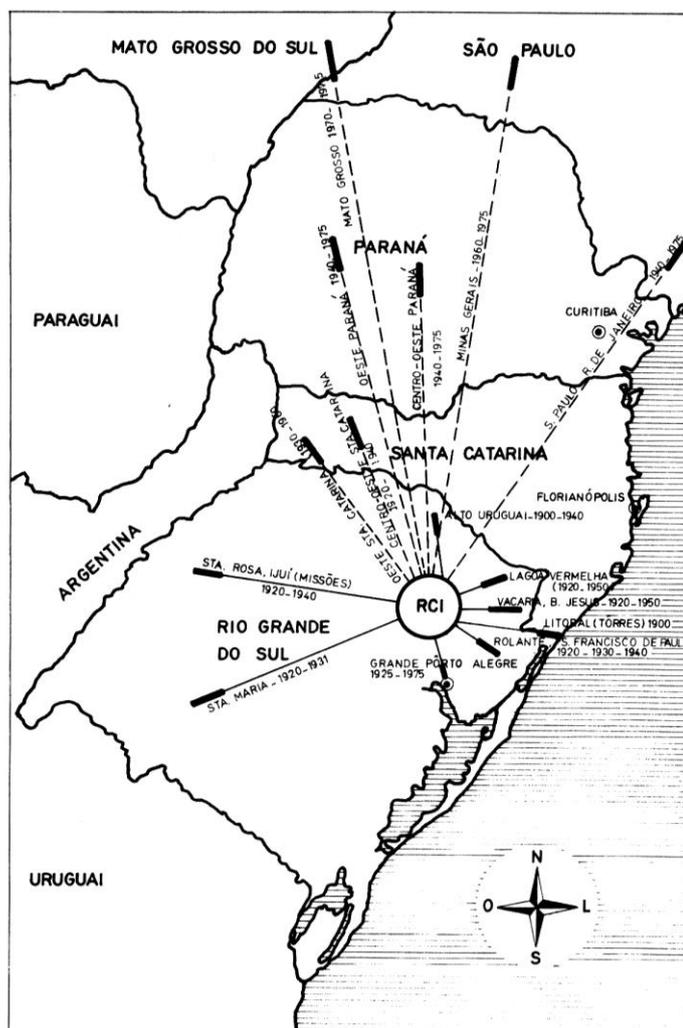
Outro fato que influenciou na colonização do Rio Grande do Sul foi a proclamação da República, em 1889, quando o latifúndio escravista foi derrotado. O Estado começou então a se



preocupar com a ocupação de terras devolutas, pois a colonização não era mais tarefa exclusiva do governo federal.

Os imigrantes e descendentes de italianos começaram a deixar o Rio Grande do Sul, com o esgotamento das terras destinadas à ocupação colonial. Giron e Corsetti (1990) explicam que apesar de muitos imigrantes terem terras, estas não eram suficientes para o sustento da família, que crescia com o tempo, a qual era o seu verdadeiro patrimônio. “Poucos deixaram parentes diretos para trás: tratava-se de preservar o grupo familiar, o que era mais importante que o local onde viviam ou poderiam viver” (GIRON; CORSETTI, 1990, p. 487).

As autoras esclarecem ainda que os imigrantes e descendentes italianos eram pais de família e quando percebiam que as terras que possuíam não eram suficientes para que a família permanecesse unida, tomavam a atitude de buscar novas terras. Frosi e Mioranza (1983, p. 85) apresentam um mapa com os deslocamentos dos grupos pela região Sul do Brasil:



Giron e Corsetti (1990) esclarecem que as companhias colonizadoras buscavam terras devolutas e com preços mais baixos, o que já não mais existia após 1920, no Rio Grande do Sul:

O cuidado que o governo do Estado tomou com a comercialização de suas terras levou as companhias colonizadoras a procurarem os estados de Santa Catarina e do Paraná, para a sua organização. Além da fiscalização do Estado, outro fato levou as companhias a procurarem terras nos outros estados sulinos: o preço das terras e a existência de terras devolutas, o que já era difícil de encontrar no Rio Grande do Sul, após 1920 (GIRON; CORSETTI, 1990, p. 495).



A partir de 1929, segundo as pesquisadoras, as companhias colonizadoras passaram a publicar, nos periódicos, propagandas regionais, as quais eram escritas em dialeto italiano.

O Estado de Santa Catarina foi ocupado por meio do processo migratório que ocorreu nos dois últimos séculos. Gregory (2008) explica que inicialmente vieram os imigrantes diretamente da Europa para Santa Catarina e posteriormente, migrantes de outras regiões de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Estes fundaram diversas colônias no Estado catarinense:

De iniciativa oficial, foram fundadas, entre outras, as Colônias de São Pedro de Alcântara (1829), já referida, Itajaí (1836), Brusque (1860). De iniciativa privada, Blumenau (1850), Dona Francisca, atual Joinville, (1851). Já no final do século XIX e no século atual, a partir do segundo e terceiro decênios, aconteceu a ocupação na direção do Oeste Catarinense, com predominância de euro-brasileiros provenientes, principalmente, das antigas regiões coloniais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (GREGORY, 2008, p. 34).

O autor discorre ainda sobre a superpopulação, a partir de 1900, nesta região, o que motivou colonos a se deslocarem para outras regiões de Santa Catarina, para o Rio Grande do Sul e para o Paraná.

O Rio Grande do Sul e Santa Catarina tem mais influências europeias do que o Paraná, como afirma Gregory (2008). O Paraná conta com descendentes italianos, espanhóis, portugueses, japoneses, entre outros. O Norte do Estado foi colonizado por migrantes de São Paulo, Minas Gerais, entre outros. O povoamento da região é identificado por Wachowicz (2001, p. 158) de *frente nortista*. Já o Oeste e Sudoeste do Estado foram ocupados por migrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, processo de colonização chamado de *frente sulista*.

Outras etnias também colaboraram na construção do mosaico de culturas do Paraná. Segundo Wachowicz (2001), até o ano de 1948, além dos poloneses, ucranianos, alemães, japoneses e italianos, entraram outros grupos menores de franceses, austríacos, ingleses, russos, sírio-libanês, suíço, holandeses, portugueses, espanhóis, entre outros.

A COLONIZAÇÃO DO OESTE PARANAENSE

O Oeste paranaense localiza-se entre os rios Guarani, Iguaçu, Paraná e Piquiri. A Região ficou praticamente esquecida durante a época imperial e, segundo Wachowicz (2001, p. 231),



nenhuma picada que chegasse até as margens do Rio Paraná foi aberta nesta época e por isso, por terra, era praticamente impossível chegar nesta região.

Foi com a assinatura de tratados do Brasil com a Argentina e o Paraguai que se liberou a navegabilidade fluvial, o que acabou gerando, por volta de 1881, a exploração da erva-mate no Oeste paranaense, por parte dos portenhos. Wachowicz (2001) destaca que “Durante a abertura da picada em direção Oeste foram encontrados grupos de trabalhadores que exploravam a erva-mate. Eram índios paraguaios, a serviço de ervateiros argentinos que predavam as riquezas brasileiras” (WACHOWICZ, 2001, p. 232).

Em 1930, a população *obragera* não ultrapassava 10 mil habitantes. A exploração ilegal dos portenhos, que tomavam posse dos produtos brasileiros, talvez tenha feito com que o governo brasileiro tomasse uma atitude e legalizasse *obrages* e investisse na colonização dessa área como forma de “marcar território”, para não perder a região para o domínio paraguaio ou portenho.

Por volta de 1950, quando colonos agricultores chegaram aqui, “das antigas madeiras de lei encontraram apenas cepos apodrecendo no meio da floresta” (WACHOWICZ, 2001, p. 239), pois desde 1930, iniciou-se a decadência das exportações da erva-mate e alguns *obrageros* começaram a explorar a madeira no Oeste paranaense.

A colonização do Oeste iniciou de fato com a intervenção das empresas colonizadoras que loteavam áreas para revender aos colonos. Antes disso, porém, estiveram por aqui, também, os caboclos⁴, e foram eles que, segundo Piaia (2004, p. 64), que “assinalaram muitos dos locais que serão tomados posteriormente pela onda de imigração”.

No final do século XIX, foi projetada uma estrada de ferro para o Oeste paranaense, ao mesmo tempo em que os militares avançavam nas matas e garantiam picadas para o Leste do Estado. Neste contexto, o Paraná era ainda apenas um ponto de passagem entre os interesses que ligavam São Paulo e Rio Grande do Sul. Os primeiros colonos chegaram às terras oestinas, segundo Sperança (1992, p. 78), em 1920, sendo um grupo de 200 famílias de agricultores, predominantemente italianas e alemãs, que se instalaram na região de Santa Helena. No mesmo ano começaram também a se desenvolver, segundo o autor, a imigração polonesa no Estado.

⁴ O caboclo era um europeu descendente de portugueses ou espanhóis miscigenado com o índio, que se adaptara às condições do meio físico e cultural.



Em 1920 a Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande passou seus direitos e deveres para a Companhia Brasileira de Viação e Comércio, conhecida como Braviaco. Acontecimentos políticos fizeram com que Getúlio Vargas abortasse a construção da ferrovia para o Oeste paranaense, o que dificultou a ocupação na região⁵.

Gregory (2008) enfatiza que no Período Vargas as ações visaram o fortalecimento do nacionalismo integrador e, desta forma, foi até mesmo originada uma ação administrativa chamada de “Marcha para o Oeste”⁶, nas áreas de fronteiras nacionais. Vale lembrar que o Sudoeste e o Oeste paranaense encontravam-se e encontram em áreas de fronteira, e que a população possuía laços estreitos com argentinos e paraguaios, o que refletia na economia. Por isso, “a atuação do poder público buscava evidenciar e explicitar os sentimentos nacionalistas. Até impô-los, quando necessário” (GREGORY, 2008, p. 66-67).

O papel das colonizadoras foi fundamental para a ocupação do Oeste do Paraná. Elas tiveram que investir nas áreas para estruturá-las e conseguir vendê-las. Apesar disso, o preço dos lotes na região era bem mais baixo do que os lotes gaúchos. O preço foi, portanto, um dos atrativos para os colonos, além do interesse por áreas próprias para o desenvolvimento agrário. Piaia também destaca que “A motivação essencial para o deslocamento dos imigrantes gaúchos, primeiro para o oeste catarinense, e posteriormente para o sudoeste e oeste paranaense, repousa na questão agrária” (PIAIA, 2004, p. 198-199).

Alguns grupos econômicos, como a Méier, Annes & Cia Ltda tinha o intuito de colonizar a região com colonos italianos, a qual, no entanto, não deu certo inicialmente, por causa do isolamento da área e da falta de estrutura. Sperança (1992, p. 79) conta que além da falta de estrutura, a predominância dos interesses madeireiros e ervateiros não favorecia o empreendimento. Piaia cita ainda outra questão que dificultou a migração: “Diferentemente ao processo que se consolidará nos anos de 1940, onde as principais levas de colonos serão oriundos

⁵ Getúlio Vargas, logo após assumir o governo, pela Revolução de 1930, com amplo apoio dos militares, muitos deles tendo participado nos combates à Coluna Prestes e, conhecendo a situação das fronteiras brasileiras no Oeste do Paraná, assinou o Decreto 19.842, de 12 de dezembro de 1930, que adotava medidas drásticas do ponto de vista nacionalista. Este decreto exigia que as empresas tivessem, em seus quadros de empregados, no mínimo, dois terços de trabalhadores brasileiros (SPERANÇA, 1992, p. 194), dificultando o ingresso e a permanência de estrangeiros, no caso paraguaios e argentinos, nas terras brasileiras e impondo novas dificuldades às empresas estrangeiras (GREGORY, 2008, p. 90).

⁶ Sob a ótica do nacionalismo, característico da política ideológica do Estado Novo, a Marcha para o Oeste propunha que as fronteiras econômicas coincidisse com as fronteiras políticas. Para Vargas, o verdadeiro sentimento da brasilidade implicava em contemplar a ocupação do território através da colonização (GREGORY, 2008, p. 69).



do Sul do país, estas primeiras tentativas buscavam o colono de origem italiana que se estabelecera em São Paulo” (PIAIA, 2004, p. 201). O autor, com base em Colodel, conta que este interesse era motivado pelo fato de os diretores da empresa serem de origem italiana.

Gregory (2008, p. 93) explica ainda que os colonos euro-brasileiros tinham resistência a ir para áreas onde não houvesse pessoas com “procedência”: “os euro-brasileiros tinham restrições em participar da colonização de áreas onde havia presença de pessoas ‘sem origem’”. Por isso, questões étnicas se confundiam e se misturavam com interesses sociais e econômicos.

A região foi, portanto, colonizada por descendentes alemães e italianos, já que as colonizadoras almejavam estes colonos, vistos como ideais porque traziam consigo a experiência na criação de suínos, da fabricação da manteiga, do cultivo do feijão, entre outras culturas (PIAIA, 2004, p. 214). Schneider (2000) explicita que a vinda dos euro-brasileiros foi encarada como vantajosa para a região:

Considerar válidos somente os colonos euro-brasileiros, provenientes das colônias do Sul, descendentes em sua maioria de alemães e italianos, com dedicação a cultivo e produção de bens, significava conferir a estes a capacidade de colaboração com o desenvolvimento e a integração do oeste paranaense ao restante da nação e aqueles que fugissem destas características representavam, de certo modo, ameaça ao controle do poder público e privado, da empresa colonizadora (SCHNEIDER, 2000, p. 102).

Para Schneider, essa identidade étnica tinha como objetivo facilitar a organização da colônia, pois se a comunidade fosse de uma mesma descendência, fácil seria fazer com que ela se identificasse e ali permanecesse. Além disso, o colono acabaria criando raízes no local que se estabeleceu quando se sentisse “em casa”.

COLONIZAÇÃO DE CASCAVEL

A colonização no Oeste do Paraná ocorreu somente no século XX, e por isso pode ser definida como moderna. Até 1920, Cascavel ainda era uma vila, com poucos casebres, acanhadamente movimentada ainda por interesses ervateiros.

A dificuldade para chegar até a localidade era grande, tendo os colonos que fazer uma viagem de ida e volta por outros estados brasileiros. Piaia (2004) evidencia que Toledo e Cascavel



tiveram processos de colonização diferentes. Enquanto a primeira foi colonizada pela Maripá, Cascavel teve uma colonização mais livre:

Na primeira, o processo de ocupação deveu-se primordialmente aos parâmetros estabelecidos pela colonizadora. Em Cascavel, o processo foi mais anárquico, nenhuma colonizadora teve supremacia no processo de formação do seu núcleo urbano, tampouco nenhuma demonstrou influências consideráveis (PIAIA, 2004, p. 211).

Compreender a influência italiana em Cascavel é entender como os colonos que se estabeleceram aqui enfrentaram e lutaram pela preservação de sua cultura, pois a colonização desta cidade não foi tão homogênea como em outras cidades da região. Desta forma, observar a expansão e a preservação da cultura e da língua italiana em Cascavel, talvez seja mais revelador e surpreendente, pois aqui, as colonizadoras não foram tão influentes e não conseguiram estabelecer a homogeneidade que almejavam.

Apesar de Cascavel não ter sido tão influenciada pelas regras estabelecidas pelas colonizadoras, com a intervenção do Estado, a cidade acabou atraindo também grupos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Capelesso, Scherer e Deitos (2010, p. 38) salientam que o ano de 1930 foi o marco inicial da cidade de Cascavel e que “O pequeno povoado em 1934 passou a Distrito Policial. No ano de 1938 passou a Distrito Administrativo. Em 1952 a Município e em 1954 a Comarca”.

Cascavel surgiu em um contexto confuso e de intrigas. Capelesso, Scherer e Deitos (2010, p. 38) falam sobre o desenvolvimento e o crescimento de Cascavel como algo não pacífico, pois políticos e amigos dos detentores do poder apossavam-se das terras, posseiros tomavam conta de terras e outros multiplicavam os títulos das terras, fazendo com que determinadas áreas tivessem mais de um dono.

Para Piaia (2004), a expedição de colonizar a região Oeste paranaense não era realizada por homens de pouca fibra, pois, para ele, tal atitude exigia muita determinação e aferro:

Uma empreitada tamanha – a colonização do oeste paranaense – não poderia ser realizada por homens de pouca fibra, de forma que a ocupação do espaço toma a dimensão de uma empreitada épica, uma realização de ordem progressista, cuja obstinação de seus feitos obscurece o interesse mercantil do empreendimento. Percebe-se também [...] que os imigrantes alemães e italianos



são antes de tudo, gaúchos. A memória coletiva, de fato, adotará esta classificação para o extenso grupo de imigrantes sulistas. Como gaúcho e sulista, o colono perde a identidade estrangeira – a qual tanto prima – que será ocupada por outra identidade, mais genérica, mais nacionalista, onde os costumes trazidos pelos imigrantes oriundos do velho continente vão se mesclar com a cultura sulista, sendo que esta cultura é a que de fato acabará sendo transplantada para o oeste paranaense [...] (PIAIA, 2004, p. 236).

O autor destaca que o colono gaúcho trouxe consigo uma mistura da cultura italiana com a gaúcha, prova disso é a língua falada pelos descendentes, o *talian*, um dialeto italiano sul-brasileiro.

Atualmente, a cidade de Cascavel é considerada uma metrópole do Oeste do Paraná. Com cerca de 300 mil habitantes, a cidade foi formada a partir das décadas de 30 a 40, quando colonos sulistas, sendo maioria descendente de poloneses, ucranianos, alemães e italianos (assim como caboclos oriundos das regiões cafeeiras), começaram a explorar a madeira e a cultivar a agricultura e a criação de suínos. Tornou-se distrito em 1938, e alcançou a emancipação em 14 de dezembro de 1952.

Para o desenvolvimento desta pesquisa sobre o dialeto italiano falado em Cascavel, propõe-se verificar as atividades e ações culturais preservadas pela comunidade. No entanto, antes disso, é fundamental a compreensão do que é a língua italiana padrão, o que são seus dialetos e o que é o *talian*.

A LÍNGUA ITALIANA PADRÃO E SEUS DIALETOS

O idioma nacional da Itália, o italiano padrão, é calcado no dialeto toscano, apreciado e admirado como língua da *Commedia* de Dante, do *Decameron* de Boccaccio e do *Canzoniere*, de Petrarca, clássicos da literatura italiana medieval, de 1300. “A padronização do italiano ocupa singular posição entre as línguas românicas. Embora a unificação política da Itália só se tenha dado em 1870, já possuía essa grande nação latina um idioma literário desde o séc. XIII” (ELIA, 1987, p. 100).

Marazzini (2002, p. 76) salienta que os dialetos surgiram somente quando a língua padrão italiana foi oficializada. O autor explica que antes disso, o que existia eram vulgares italianos:



Si noti che nel periodo che va dalle origini al Quattrocento non ha ancora senso parlare di ‘dialetti’. Si può parlare di ‘dialetto’ solo una volta che si è affermata la lingua. ‘Dialetto’ senza contrapposizione a ‘lingua’ è un concetto inapplicabile; tanto è vero che gli studiosi, per questi secoli, parlano genericamente di ‘volgari italiani’ (MARAZZINI, 2002, p. 76).⁷

Somente depois da segunda metade do século XIV, quando a unificação política italiana ocorreu, iniciou-se de fato o processo de unificação linguística, ainda que alguns movimentos já ocorressem desde Setecentos. Marazzini (2002, p. 106-107) salienta ainda que a Toscana, em especial Florença, estavam em vantagem, pelo fato de a língua literária ser próxima da falada.

No entanto, Elia (1987) deixa claro o fato de que a língua italiana nasceu de um florentino temperado por Dante, para que este dialeto pudesse ser alçado à língua literária em todo o país. “Foi através do prestígio de Roma, capital da Itália unificada, que esse *volgare illustre* adquiriu o *status* de língua nacional e oficial. Daí o dito de que o italiano é língua toscana em boca romana (pois a pronúncia adaptou-se aos hábitos articulatórios da fala romana)” (ELIA, 1987, p. 101).

Neste contexto, os dialetos eram vistos como um empecilho para a unificação nacional. A escola, então, era um dos instrumentos da política linguística. Até 1700, a escola superior era em língua latina, e a língua vulgar estava, oficialmente, distante dela, ainda que muitos professores ensinassem usando o dialeto, pois não tinham condições de falar o italiano.

Outro fator que influenciou na evolução da língua foi a invenção da estampa. Na década de 1700, e principalmente em 1800, ao lado do livro, o que teve grande influência na unificação linguística foi o jornal. Elia enfatiza o poder unificador dos meios de comunicação de massa, “que agem no sentido de difundir a língua-padrão e no de fazer regredir as variantes dialetais” (ELIA, 1987, p. 126).

Dardano e Trifone (1995, p. 44) explicam que assim como o italiano padrão, os dialetos refletem tradições e culturas nobres, e que possuem um léxico e uma gramática. Quando se fala em dialeto italiano, se fala em diferenças muito mais profundas do que aquelas fonéticas e fonológicas, do que aquelas, por exemplos, que marcam os diferentes falares do português brasileiro. Claro que, além de terem um léxico e uma gramática própria (ainda que seja apenas no

⁷ Nota-se que no período que vai das origens aos Quatrocentos não há ainda sentido falar de ‘dialetos’. Pode-se falar de ‘dialeto’ somente uma vez que a língua se afirma. ‘Dialetto’ sem contraposição a ‘lingua’ é um conceito inaplicável; tanto é verdade que os estudiosos, por estes séculos, falam genericamente de ‘vulgares italianos’ (MARAZZINI, 2002, p. 76, tradução nossa).



âmbito funcional), cada dialeto italiano também está circunscrito em uma área geográfica, conforme destacam Dardano e Trifone (1995), “In genere il dialetto è usato in un'area più circoscritta rispetto alla lingua, la quale invece appare diffusa in un'area più vasta” (DARDANO; TRIFONE, 1995, p. 44)⁸, o que faz com que os dialetos italianos também tenham características de variedade diatópica.

Assim, cada região italiana apresenta dialetos, muito diversos entre si. Elia (1987) define a Itália como um “mosaico dialetal” e explica que as causas são históricas: “Fragmentado o Império Romano e instituído aos poucos o regime feudal, reparte-se a Itália em ducados, repúblicas, reinos, Estado pontifício. A unificação só viria tardiamente em 1870” (ELIA, 1987, p. 124).

Dardano e Trifone concluem que a distinção clara e oficial entre língua e dialeto está na extensão territorial, e que as outras diferenças estão mais no nível das crenças e atitudes. Para reforçar, eles definem os dialetos italianos como:

- sono le "lingue" particolari delle varie zone della Penisola;
- un tempo erano parlati da quasi tutti gli abitanti della Penisola, mentre oggi (a causa della diffusione dell'italiano) sono parlati soltanto da una parte di essi;
- derivano tutti dal latino volgare (come l'italiano che, alle origini, era anch'esso un dialetto, il fiorentino);
- non sono affatto "rozzi" e "primitivi": al contrario, come la lingua italiana, ciascuno di essi ha una struttura grammaticale e un lessico (DARDANO; TRIFONE, 1995, p. 47).⁹

Para os autores, a língua nacional, adotada pela comunidade, são formas de marcar, também, o caráter étnico. A língua padrão é, portanto, um instrumento de administração, da escola, dos usos oficiais e escritos.

A língua italiana padrão, no entanto, também apresenta variações que são influenciadas pelo eixo diatópico, ou seja, pela área geográfica em que seus falantes se encontram. Marazzini (2002, p. 130), explica que este conceito foi elaborado com base no italiano *novecentesco* e que as

⁸ “Em geral o dialeto é usado em uma área mais circunscrita em respeito à língua, a qual, ao contrário, aparece difundida em uma área mais vasta” (DARDANO; TRIFONE, 1995, p. 44, tradução nossa).

⁹ • são as "línguas" particulares das várias zonas da Península;

• houve um tempo em que eram faladas por quase todos os habitantes da Península, enquanto que hoje (por causa da difusão do italiano) são faladas somente por uma parte deles;

• derivam todos do latim vulgar (como o italiano que, nas origens, era também este um dialeto, o florentino);

• não são de fato "toscos" e "primitivos": muito pelo contrário, assim como a língua italiana, cada um deles têm uma estrutura gramatical e um léxico (DARDANO; TRIFONE, 1995, p. 47).



diferenças ocorrem, principalmente, nos níveis fonético e fonológico, mas que também acontecem no morfológico e lexical. Ele exemplifica com os falantes do Norte do país, que não diferenciam as vogais *e* e *o* abertas e fechadas. Essas variações são caracterizadas por Dardano e Trifone (1995, p. 46), como italiano regional, pois possui, principalmente, distinções de pronúncia.

Dardano e Trifone (1995, p. 46) explicam ainda que os dialetos também sofreram e ainda sofrem alterações, uma vez que estão suscetíveis aos processos de *italianização*. Os autores estabelecem quatro variedades linguísticas: italiano comum (língua padrão), italiano regional (que tem distinções de pronúncia), dialeto regional (influenciado pelo italiano regional) e dialeto. Assim, os dialetos regionais são substituídos pelo italiano regional, do qual se distingue por quatro variedades principais: setentrional, toscana, romana e meridional. Dardano e Trifone (1995, p. 53) explicam que ocorreram as seguintes passagens:



A *italianização* dos dialetos teria acelerado, segundo os autores, com a difusão da televisão em cada canto da península. Outros meios de comunicação também contribuíram para isso, tais como o rádio, o cinema e o jornal.

Os dialetos da Itália são divididos por Marazzini (2002, p. 468) em três blocos: setentrional, central e meridional. Dentro destes blocos, há mais duas subdivisões para designá-los. Serão descritos aqui, os dialetos setentrionais, falados no Norte da Itália, uma vez que alguns destes estão relacionados a esta pesquisa. Frosi e Mioranza (1983, p. 88), com base nos estudos do professor Giovan Battista Pellegrini, divide os dialetos setentrionais italianos em três sistemas: “(a) galo-italico e vêneto (ou <cisalpino>); (b) friulano; (c) ladino central”. O galo-italico + vêneto é subdividido, por sua vez, em cinco seções: (1) lígure, (2) piemontês, (3) lombardo, (4) Emiliano e (5) vêneto.

O dialeto vêneto, por sua vez, é novamente subdividido: veneziano, veronês, vicentino-paduano-polesano, trevisano, feltrino-belunês, triestino e vêneto-juliano. Desta forma, percebe-se que cada região, o Vêneto, por exemplo, apresentava ainda novas divisões, ou seja, novas variações, o que mostra a dificuldade de estabelecer afirmações quanto suas características.



A imigração italiana antiga, entre 1875 a 1940, foi conduzida para os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. Já a recente, segundo Mioranza (1990) é aquela que começou a ocorrer depois da 2ª Guerra Mundial.

O autor diferencia os imigrantes que se destinaram a São Paulo, em relação aos outros, uma vez que àqueles não se estabeleciam em colônias, pois trabalhavam nas lavouras de café e de cana-de-açúcar, substituindo a mão de obra escrava, tornando-se um *escravo-livre*, o que talvez tenha influenciado na não preservação do dialeto italiano:

[...] enquanto nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo existem e se multiplicam corais (inclusive com discos gravados) que executam as velhas canções italianas do século passado e início deste, no Estado de São Paulo não se tem notícia de semelhante iniciativa (MIORANZA, 1990, p. 596).

O autor enfatiza ainda que os dialetos italianos são mais falados no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e que no Paraná, as regiões que foram colonizadas por colonos dos dois outros estados, ou seja, pela *frente sulista*, mantêm as mesmas características, o que não ocorre no Norte do estado, por exemplo, uma vez que este foi ocupado por descendentes italianos vindos de São Paulo.

Os dialetos italianos falados no Brasil são predominantemente aqueles falados no Norte da Itália, uma vez que a maioria dos imigrantes italianos veio das regiões da Lombardia, Trentino-Alto Ádige, Friuli Venezia Giulia e Vêneto. Frosi e Mioranza (1983, p. 83) apresentam um mapa que indica a origem da maior parte dos imigrantes italianos:



MAPA INDICATIVO DAS REGIÕES E PROVÍNCIAS ITALIANAS DE ONDE PROVIERAM OS MAIORES CONTINGENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS QUE POVOARAM O NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL



— LIMITES REGIONAIS

— LIMITES PROVINCIAIS

- - - - - CONTORNO APROXIMADO DA ÁREA GEOGRÁFICA DE ONDE SE ORIGINARAM OS PRINCIPAIS DIALETOS ANDA FALADOS NAS COMUNIDADES RURAIS DA RCI

Fonte: Atlante Garzanti. Enciclopedia Geografica. 1973. 13. ed. Mapa 2. Milano, Garzanti.

Elaboração Gráfica do Arquiteto José Afonso Galvão.

Com exceção dos imigrantes da região de Trentino Alto Ádige, que trouxeram apenas um dialeto desta área, os italianos das outras regiões trouxeram diversos dialetos. Frosi e Mioranza (2009, p. 75) apresentam um quadro com a divisão dos dialetos:



Regiões	Dialetos
Vêneto	Vicentino, Feltrino-belunês, Trevisano, Paduano, Veronês, Veneziano, Rovigino
Lombardia	Cremonês, Bergamasco, Mantuano, Milanês, Bresciano, Varesino, Comasco, Paviense
Trentino-Alto Ádige	Trentino (Tirolês)
Friuli-Venécia Júlia	Friulano, Triestino

Apesar da diversidade de dialetos, foram os dialetos vênéticos que predominaram aqui no Brasil, uma vez que a maioria dos imigrantes era desta região. O dialeto, no período da colonização, sobreviveu por ser a língua oficial de mercado e neste período tinha posição de *superestrato*¹⁰, ou seja, em que é total o predomínio do dialeto, se comparado com o português. O dialeto passa a ser *adstrato*¹¹, ou seja, os dois sistemas linguísticos (português e italiano) convivem, quando as colônias italianas começam a produzir excedentes para o mercado externo e precisam se comunicar em português para movimentar a economia de suas produções e quando os colonos tornam-se, portanto, bilíngues. Mioranza (1990) explica que os dois sistemas linguísticos conviviam nesta situação e que quando o colonizador começa a utilizar os dois sistemas, ele se torna bilíngue.

O TALIAN

Dos aproximadamente 100 mil imigrantes que vieram para o Brasil, 54% eram vênéticos, 33% lombardos, 7% trentinos, 4,5% friulanos e 1,5% de outras regiões. “[...] incluindo os trivênéticos, teríamos: 65,5% de trivênéticos, 33% lombardos e 1,5% de outras regiões da Itália” (LUZZATTO, 2000, p. 15). Os dialetos então se misturaram e Tonial (2001) cita a dificuldade que um mantovano tinha, por exemplo, de falar com um cremonês ou um friulano. “Porém, os

¹⁰ “designa-se *superestrato* a língua, introduzida na área de outra, mas sem substituí-la, podendo com o tempo vir a desaparecer. Um exemplo tradicional de superestrato são as línguas germânicas dos povos que invadiram o império romano. Esses povos posteriormente adotaram o latim como língua” (FARACO, 2005, p. 69).

¹¹ “designa-se *adstrato* uma língua falada num território contíguo àquele em que se fala a língua tomada como referência” (FARACO, 2005, p. 69), ou seja, é uma língua falada paralelamente.



grupos em maior número repetiam, com mais frequência, os vocábulos de seus dialetos que iam se destacando e construindo a nova língua” (TONIAL, 2001, p. 23). Como a maioria dos imigrantes eram trivênetos, foi o dialeto vênето que predominou.

Mais de 60% dos italianos que se fixaram no Rio Grande do Sul tinha língua e cultura vênetas. As famílias chegavam e eram instaladas em determinadas áreas sem respeitar suas origens, o que fazia com que uma família trentina, por exemplo, fosse vizinha de uma friulana, de um lado, e do outro, de uma lombarda, e com várias famílias vênetas ao redor. Por isso, o dialeto vênето acabou se tornando, no início, em língua franca para essas famílias.

Surge então, neste contexto, uma nova língua, que teve, no início, função de *koiné*¹², ou seja, de comunicação entre famílias italianas que tinham modos de falar distintos. Com base no dialeto vênето, as famílias italianas, em um novo contexto, em que se fala português, quando se tornaram bilíngues, acabaram transformando o dialeto vênето. Este sofreu influências do português e assim se transformou em um novo modo de falar, chamado pelos colonos de *talian*.

O *talian* passou por repressões e talvez isto tenha influenciado ainda mais a sua transformação. Ele foi reprimido com a Propagação de Nacionalização do Estado Novo (1937-1945), quando foi proibido importar livros estrangeiros, falar e ensinar línguas estrangeiras a menores de quatorze anos.

O uso da língua portuguesa passa a ser obrigatório em todos os setores da sociedade, por imposição do poder político-administrativo. Fica, assim, oficializado que nas escolas não se poderia mais falar língua estrangeira, como também não haveria mais publicações de periódicos nessas línguas e, em público, as pessoas só poderiam se expressar em língua portuguesa. Aqueles que insistissem em não acatar essas determinações poderiam sofrer sérias consequências, como serem presos, por exemplo (SANTOS, 2001, p. 63).

Depois do fim da guerra, a escola já não era mais a mesma, pois esta havia crescido nas mãos de professores que falavam português. A situação tornava-se complexa na escola, pois, conforme destaca Luzzatto (2000), se as crianças “não soubessem português, os demais chamavam-nas de *gringos*, por isso todas as famílias queriam que seus filhos falassem português” (LUZZATTO, 2000, p. 18).

¹² “[...] um *koiné* é uma forma de falar compartilhada por pessoas de diferentes vernáculos” (WARDHAUGH *apud* MONTEIRO, 2000, p. 46).



O *talian* está presente em diversos Estados do Brasil, uma vez que muitos falantes desse dialeto saíram do Rio Grande do Sul para buscar terras em outros estados, além de Santa Catarina e Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, entre outros.

Luzzatto afirma que o *talian* está presente em Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Veranópolis, Erechim, Carlos Barbosa (RS), Joaçaba, Caçador, Chapecó, Concórdia (SC), Cascavel, Pato Branco, Francisco Beltrão, Medianeira, Toledo (PR) (LUZZATTO, 1994, p. 24).

O *talian*, também chamado de dialeto vênето brasileiro, foi estigmatizado por muito tempo. Picol (2013) destaca que o falante bilíngue, por sua situação social inferior e por sua fala com acentuadas marcas de sotaque, sofre uma dupla estigmatização sociolinguística: tanto a sua fala em dialeto italiano como sua fala em língua portuguesa denunciam suas origens e foram estigmatizadas.

Tempos mais tarde, com as festividades voltadas ao Centenário da Imigração Italiana (1975), ocorre um “retorno às origens étnicas”, ou seja, as características dos descendentes de italianos, até o momento vistas como algo inferior (a língua, por exemplo), começam a ser vistas como algo de imenso valor cultural (PICOL, 2013, p. 288).

A partir disso, o dialeto passou a ser uma marca identitária dos ítalo-brasileiros, adquirindo certo *status* de poliglota. Não se pode afirmar que não exista mais estigmatização sobre o *talian*, mas pode-se perceber que há sim uma tendência pela busca da valorização dos modos de falar de grupos étnicos.

A PRESENÇA DA LÍNGUA E DA CULTURA ITALIANA EM CASCAVEL

Nomes próprios, sobrenomes, assim como substantivos e adjetivos, todos em língua italiana, seja na língua padrão, no dialeto ou no *talian*, estão por toda parte em Cascavel. Estampando os nomes de lugares comerciais e públicos, o léxico, presente nas placas e faixas de restaurantes, edifícios, mercados, sorveterias, entre outros negócios, assim como no nome de ruas, por exemplo, revela a valorização e a preservação da cultura italiana na cidade.



Cascavel já contou, também, com uma *Agenzia Consolare Onoraria*, fundada nesta cidade em 2000 e mantida pelo Governo Italiano. Geraldo Sostizzo representou o consulado italiano em Cascavel até 2010. A agência providenciava cidadanias e passaportes, evitando que os descendentes italianos de Cascavel e região precisassem ir a Curitiba, para fazer seus documentos.

Outra manifestação da cultura italiana é o Círculo Italiano de Cascavel, fundado em 28 de outubro de 1991, por Gicelda e Armindo Cavalca. A criação do círculo deu-se a partir de atividades e brincadeiras de canto e dança, jantares e reuniões realizados na residência do casal fundador, com o objetivo de valorizar a tradição italiana e integrar os descendentes.

Em outubro de 1995, cinco casais de amigos do Círculo Italiano de Cascavel começaram a se reunir com o objetivo de formar um grupo de dança italiana. Segundo dados do *site* oficial do grupo de dança (www.ladridicuori.com.br), com o tempo, o grupo começou a atrair outros jovens, até mesmo de outras origens culturais, e hoje o grupo conta com 28 componentes.

A primeira apresentação do grupo ocorreu em 1996, no Restaurante Santa Felicidade, e em setembro do mesmo ano a equipe já contava com 10 integrantes, quando então passou a ser denominado de *Gruppo Folklorico Italiano Ladri di Cuori*. O nome *Ladri di Cuori* vem da frase *Gli italiani sono tutti ladri... di cuori*, que pode ser traduzida para: “Os italianos são todos ladrões... de corações”.

Já o grupo *Filó*, de canto de música folclórica italiana de Cascavel, surgiu em meados de 1997. Segundo o Jornal Hoje, de Cascavel, do dia 3 de junho de 2012, o grupo lançou no início de 2012 o primeiro CD, o qual conta com 15 músicas da cultura folclórica italiana, tais como *Da l'Italia noi siamo partiti (Mérica, Mérica)*, *Quel mazxolin di fiori* e *Nel mio bel giardin*. Todos os componentes do grupo são descendentes de italianos. Enquanto Savoldi e Sostizzo são netos de italianos, Zanatta, Nichetti e Richetti são bisnetos. Os avós e bisavós vieram do Norte da Itália, sendo a maioria deles, do Vêneto, e se instalaram no Rio Grande do Sul.

O programa *Italia del mio cuore*, conforme reportagem publicada no Jornal O Paraná, de Cascavel, do dia 7 de abril de 2012, foi ao ar pela primeira vez no dia 4 de fevereiro de 1996, pela Rádio Nacional, passou pela Rádio Capital por um tempo e, desde 2007, é transmitido pela Rádio Colméia (AM - 650 KHZ).

Apresentado por três componentes do grupo de canto *Filó*, Ermilo Zanatta, 55 anos, João Nichetti, 59 anos, e Enore Savoldi, 74 anos, o programa vai ao ar há 17 anos e tem como



objetivo, segundo os apresentadores, a manutenção da cultura ítalo-vêneta em toda a comunidade, “que é grande no Oeste paranaense”.

O programa vai ao ar todos os sábados, a partir das 15h30, ao vivo, e por cerca de 1h20 apresenta vários temas que buscam disseminar e cultivar as raízes italianas da comunidade de descendentes de Cascavel e região. Dividido em três grandes momentos - Oração, Folclore e Romântico -, o programa leva um pouco da cultura folclórica e moderna italianas, pois transmite músicas religiosas, folclóricas e românticas modernas, resgatando o passado e valorizando o presente. Os apresentadores, de maneira informal e natural, com base no improviso, conversam entre si e com os ouvintes numa língua que não é o português, mas o *talian*. Eles falam sobre os santos de cada dia, com base no calendário italiano, fazem brincadeiras, contam piadas, leem provérbios desta cultura, e comentam sobre diversos fatos, sempre no *talian*.

Outra manifestação da cultura italiana em Cascavel pode ser vislumbrada na Praça Itália, da cidade, localizada na Avenida Brasil com a Rua Rocha Pombo, no Bairro São Cristóvão. Segundo o *site* da prefeitura de Cascavel (www.cascavel.pr.gov.br), o local foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 2006, em comemoração aos 54 anos do município. O principal monumento da praça é o Leão Alado, uma reprodução da Praça de São Marcos, em Veneza - Itália, capital do Vêneto, região de origem da maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil, o qual tem como simbologia mitológica a força e a proteção contra os invasores externos. Vale lembrar que o Leão Alado também é o símbolo da região do Vêneto, assim como de inúmeras outras entidades administrativas civis e militares. O símbolo aparece, ainda, em todas as cidades que estiveram sob o domínio da República Veneta, normalmente nas praças principais e nos edifícios históricos, assim como em bandeiras, brasões, estátuas e moedas. A praça assim como o Leão Alado é uma homenagem aos primeiros imigrantes italianos que chegaram à Cascavel, na década de 1950. O pilar que forma o monumento representa a continuação das famílias e os anéis são as uniões das famílias imigrantes.

O resgate da cultura italiana em Cascavel pode ser percebido também pela busca de cursos de Língua Italiana, no ensino formal. A existência do curso de Letras Português/Italiano, da Unioeste, é um exemplo, assim como do curso de Língua Italiana oferecido pelo Programa de Ensino de Línguas (PEL), da mesma instituição. Além destes, os cursos em escolas particulares e o Centro de Estudos de Línguas Modernas (Celem), são outros exemplos.



O Centro de Cultura Italiana (CCI) é uma instituição que funciona nos estados do Paraná e Santa Catarina, com o objetivo de difundir o ensino da língua italiana no Brasil. Fundado em 1992, o CCI começou suas atividades no ano seguinte e atua em mais de 100 municípios nos dois estados. Em Cascavel, o Centro de Cultura Italiana foi implantado em 1994 e os cursos de Língua Italiana eram ofertados até 1998, na sede do Círculo Italiano, o que passou, depois, a funcionar no convento das Irmãs “Franciscanas Angelinas”. Hoje, porém, Cascavel não conta mais com os cursos do CCI.

Vale lembrar que, tanto o curso de Letras Português/Italiano, da Unioeste, assim como os cursos de língua oferecidos pelo PEL, pelo Celem, pelo CCI, e em escolas particulares, tem como base o ensino da língua italiana padrão, o que é diverso do grupo de canto *Filò*, e do programa de rádio *Italia del mio cuore*, os quais tem como intuito preservar a língua que seus avós trouxeram da Itália, a qual foi modificada no Rio Grande do Sul e trazida por eles, para Cascavel.

CONCLUSÃO

Com base na observação das atividades e ações de alguns grupos de descendentes italianos de Cascavel pode-se perceber que a manutenção da língua e da cultura italiana é significativa. Ainda que de forma restrita, este dialeto continua sendo falado em Cascavel e é, portanto, uma língua viva. Prova disso é a presença de descendentes italianos em Cascavel, assim como de movimentos cascavelenses com base na cultura e na língua italianas, como o Círculo Italiano de Cascavel, o grupo de dança folclórica italiana *Ladri di Cuori*, o grupo de canto *Filò* e o programa de rádio *Italia del mio cuore*.

O grupo *Filò* e o programa de rádio *Italia del mio cuore* indicam que o *talian* é o resultado de um processo histórico, mas que está vivo ainda hoje nesta comunidade. Apresentar o contexto italiano que se tem atualmente, em Cascavel, e estudar o *talian* falado pelos descendentes italianos, desta cidade, é de fundamental importância, uma vez que eles evidenciam atitudes de valorização e de identificação de grupo. Assim, analisar as variações atuais pode oferecer condições para melhor compreender as diversidades linguísticas, a realidade heterogênea do presente, portanto, nos auxilia entender a heterogeneidade dialetal presente e passada, o que poderá, também, favorecer futuros estudos.



O *Ladri di Cuori* também representa uma manifestação de valorização cultural e de identificação de grupo. Percebe-se, que todas as atividades presentes na comunidade, que valorizam tanto a cultura como a língua padrão ou o dialeto, são resultados de um processo histórico, e que podem ser estudados em seus diferentes aspectos: culturais, linguísticos, psicológicos, entre outros.

Certamente, a realidade linguística italiana em Cascavel é diferente de séculos atrás, diversa também daquela língua que os imigrantes trouxeram quando aqui chegaram. Observar o que mudou e o que não mudou é um desafio para que se possa compreender a realidade atual, seja linguística, seja cultural.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas Linguísticas do Português Falado no Sul do Brasil: um Balanço das Fotografias Geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005.

_____; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

BARRETTO, Mônica Maria Guimarães Savedra. Bilinguismo e bilinguidade: uma nova proposta conceitual. In: _____. SALGADO, Ana Claudia Peters (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p.121-140.

CAPELESSO, Pe Antônio; SCHERER, Dom Irineu Roque; DEITOS, Nilceu Jacob (Orgs.). **Dom Armando Cirio: apóstolo e missionário do Oeste do Paraná**. Cascavel: Coluna do Saber, 2010.

DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. **Grammatica italiana con nozioni di linguistica**. 3. ed. Bologna: Zanichelli, 1995.

ELIA, Sílvio. **Sociolingüística**. Uma introdução. Rio de Janeiro: EDUFF/PROED, 1987.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos**. Caxias do Sul: EducS, 1983.

_____. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. 2. ed. Caxias do Sul: EducS, 2009.



GIRON, Loraine Slomp; CORSETTI, Berenice. As companhias de colonização - A reprodução do sistema colonial. In: BONI, Luis A. de. (Org.). **Presença italiana no Brasil**. vol. 2. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 483-502.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: Migrações no Oeste Paraná (1940-1970)**. 2. reimpressão. Cascavel: Edunioeste, 2008.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (Vêneto Brasileiro):** Noções de Gramática, História e Cultura. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1994.

_____. Dicionário **talian-português**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MARAZZINI, Claudio. **La lingua italiana: profilo storico**. 3. ed. Bologna: Mulino, 2002.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MIORANZA, Ciro. O futuro dos dialetos italianos. In: BONI, Luis A. de. (Org.). **Presença italiana no Brasil**. vol. 2. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 595-601.

PIAIA, Vander. **A ocupação do Oeste Paranaense e a formação de Cascavel: as singularidades de uma cidade comum**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense/Unioeste. Niterói, 2004.

PICOL, Greyce Dal. **Novo perfil linguístico dos falantes bilíngues da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: mudança dialetal e mescla linguística**. Web-Revista sociodialeto. v. 3. n. 9. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2013.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **O radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

SCHNEIDER, Cláercio Ivan. Contribuição para o estudo de um projeto de colonização no oeste do Paraná: fundamentos socioculturais. In: LOPES, Marcos (Org.). **Espaços da memória: fronteira**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989. p. 151-199.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel: a história**. Curitiba: Lagarto, 1992.



TONIAL, Honório. **Talian la nostra língua**. Erechim: EdiFAPES, 2001.

VON BORSTEL, Clarice. **A linguagem sociocultural do Brasildeutsch**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.